

FAUSTO



Fernando Pessoa

leitura em 20 quadros
por

Teresa Sobral Cunha

RELÓGIO D'ÁGUA

Fausto

A morte!

Quanto mais eu penso a'elle, mais
me desenvolve todo o sentimento
humano e nobre que me criava
Uma como inconsciencia que fogia
Com pe o mysterio não estava sempre
Commigo - Agora cada vez mais longe
me levanta a f. e subind

Faculdade de Letras de Lisboa



ULFL0000133954

FAUSTO



ISBN-972-708-251-3



821.134.3

Fernando Pessoa PES, F

Fausto

leitura em 20 quadros

Fausto

leitura em 20 quadros

Três Tomos, Crisóstomo



C. 17-1-95

Poesia



Rua Sylvio Rebelo n° 15
1000 Lisboa
Telef.: 847 44 50 Fax: 847 07 75

Título: Fausto — Leitura em 20 quadros
Autor: Fernando Pessoa
Capa: Fernando Mateus
Extra texto: Desenho a tinta da china de Gaudenzio Nazario

© Teresa Sobral Cunha e Relógio D'Água Editores, 1994

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores.
Impressão: Arco-Iris, Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n°: 77462/94

Fernando Pessoa

Fausto
leitura em 20 quadros
por
TERESA SOBRAL CUNHA

Poesia

AS RAZÕES DE LUCIFER

Originalmente destinada a argumento de um filme-vídeo¹ chamado (por segmentação de um dos versos de Fausto) A Luz Incerta, vem agora a público esta selecção e montagem de textos que uma específica linha interpretativa conforma, e com o título que desde logo remete para um dos mitos da cultura ocidental, recriado, por Fernando Pessoa, de maneira própria.

Embora conservando o mesmo nexu narrativo (que me apareceu como uma leitura menos imediata de Fausto, mas, porventura, uma mais, apenas, entre outras que a grande obra sempre concita) e a mesma repartição cénica, é essa versão

¹ Já realizado por Margarida Gil no âmbito de Lisboa 94 Capital Europeia da Cultura e produção de Rosa Filmes, depois de modificações de fundo, quer no argumento quer no respectivo suporte textual, introduzidas, pela realizadora, para obviar a imponderáveis entretanto ocorridos.

sob o ponto de vista formal, com desenho estrófico e verso branco em que necessariamente predomina a heterorritmia; que também comparece, no Fausto, em alternância com versos soltos, ou até rimados como nas canções, nas Vozes na Noite, noutras vozes que o "suspiro" identifica (O Suspiro do Mundo, o Suspiro do Ser, ou Uma voz como um suspiro), ou nos próprios Monólogos de Fausto, que são ainda interpelações do protagonista, mas no silêncio de si.

As seis palavras acrescentadas (algumas apenas repetindo) para encaminhar o sentido e a fluidez do diálogo entre Maria e o Diabo e, no Fausto, as sete que completam sete (indispensáveis) versos lacunares (onde duas delas são ainda repetição, mas das palavras que imediatamente as precedem), surgem em itálico no corpo do texto.

Como em itálico surgem ainda os nomes agora introduzidos (Lucifer, um circunstante, Maria quando figura a Morte), ou algumas intitulações que, homólogas de outras existentes nos originais, alarguei a casos afins para melhor compreensão deles.

Os trechos do conto, por sua vez, dispõem-se aqui em torno aos nomes das personagens para dar azo a um discurso dialógico próprio da circunstância dramática; pela mesma razão se tendo transportado formas narrativas em voz indirecta para o discurso directo e reconduzido ao presente os tempos verbais.

Quanto às indicações cénicas, que se afiguraram úteis para melhor clarificação da proposta de leitura, intercalei, entre parênteses, as que são de minha exclusiva responsabilidade, distinguindo-se delas as que, fora de parênteses, ou eram já de origem apontamentos cénicos no Fausto ou, configuradas, por mim, nessa forma, para o Prólogo, são ainda excertos de trechos de A Hora do Diabo.

Teresa Sobral Cunha
Abril de 1994

DRAMATIS PERSONAE

FAUSTO (*Actor de estatura média, mais de 30 anos, moreno-claro, cabelo liso penteado com risca ao lado, óculos breves, pouco visíveis, pequeno bigode.*)

DIABO/LUCIFER (*deverá ser inteira réplica de Fausto, salvo na fulguração envolvente.*)

MARIA (*A actriz, que será a Mãe de Fausto no Prólogo, a Amante nos Quadros XII e XIII, e finalmente a Morte nos Quadros XIX e XX, deve lembrar imediatamente Ophelia Queiroz, a quem Fernando Pessoa amou. Cabelo apanhado. As vestes são necessariamente longas.*)

VELHO MAGO (*figura amadurecida, e, apesar de pouco espiritual, depositária inconsciente de poderes de que ela mesma não tem noção.*)

VICENTE e ANTÓNIO (*discípulos de Fausto, devem representar o pequeno intelectual conformista*)

CAMARADAS DE TABERNA (*figuras urbanas, de estrato baixo e dionisismo superficial*)

FREDERICO e FRANZ (*marinheiros alemães*)

A acção passa-se nos princípios do século.

O trabalho das luzes deverá acompanhar (e muitas vezes marcar) os lances narrativos, ajudando a tornar inteligível o progressivo triunfo das trevas.

Os cenários e os adereços serão sempre justamente simbólicos dentro duma estética que uma estrita racionalidade cartesiana desenvolva.

*Pode-se nascer iniciado, e cumprir,
inconsciente, ou quase, um destino oculto.*

F. Pessoa

PRÓLOGO

(A danação de Fausto)

QUADRO I

(No escritório de Fausto, ao qual chegam esparsos sons de rua, que se supõe lunar, destaca-se uma grande esfera de vidro e um tocheiro com fogo vivo. As paredes são forradas de livros e várias pilhas deles amontoam-se pelo chão)

FAUSTO *(em monólogo interior, dado em off pela mesma voz que haja de ser, a partir do Quadro IV, a de Fausto)*

Dizem que certas memórias maternas
se podem transmitir aos filhos.
Há uma coisa que constantemente
me aparece em sonhos
e que não posso relacionar com coisa alguma
que me houvesse sucedido.
É uma memória de uma viagem estranha
sobre uma ponte altíssima
que parece dominar toda a terra.

Depois há um abismo,
e uma voz que diz muitas coisas,
que, se eu as ouvisse,
talvez me dissessem a verdade.
Depois sai-se à luz,
isto é, ao luar,
como se saíssemos de um subterrâneo,
e é exactamente no fim da rua.

I

QUADRO II

(Festeja-se o Carnaval. De uma casa iluminada, que uma luz azulada tonaliza, e por entre sons de baile e de falas, Maria, figura da noite, sai. É seguida por um mascarado de Diabo que a acompanha. Luar intenso na noite intensa.)

Em relação ao Quadro I deve haver um recuo temporal de aproximadamente três décadas.)

MARIA *(continuando uma conversa)*

Mas, se o mundo é acção,
como é que o sonho
faz pertencer ao mundo?

DIABO É que o sonho é uma acção
que se tornou ideia
e que por isso conserva a força do mundo.

Só os sonhos são sempre o que são.
É o lado de nós em que nascemos
e em que somos sempre naturais e nossos.
Não é verdade que somos livres no sonho?

MARIA Sim, mas é triste o acordar...

DIABO O bom sonhador não acorda.
Eu nunca acordei.
Deus mesmo (já uma vez ele mo disse)
duvida que não durma.

MARIA *olha-o de sobressalto e tem subitamente medo,*
uma expressão do fundo de toda a alma que nunca sentira.

Mas afinal quem é o senhor?
Por que está assim mascarado?

DIABO Não estou mascarado.

MARIA Como?

DIABO Eu sou o Diabo. Sim, sou o Diabo.
Mas não me tema nem se sobressalte.
Toda a minha vida, afinal,
é um sistema especial de moral,
velado em alegoria e ilustrado por símbolos.

Sou, por mister, Mestre da Magia:
não sei contudo o que ela é.

*Maria, num relance de extremo terror, onde bóia um prazer
novo, reconhece, de repente, que é verdade.*

DIABO Eu sou, de facto, o Diabo.
Dato do princípio do mundo.
A música, o luar e os sonhos
são as minhas armas mágicas.
Mas por música não deve entender-se
só aquela que se toca,
senão também aquela que fica
eternamente por tocar.
Por luar, ainda, não se deve supor
que se fala só do que vem da lua
e faz das árvores grandes perfis;
há outro luar,
que o mesmo sol não exclui,
e obscurece em pleno dia
o que as coisas fingem ser.

Só os sonhos são sempre o que são.

Tirei-me a ferros de mim mesmo.

F. Pessoa

QUADRO III

*(Avançam os dois para um lugar de prodígios)
Em baixo, a uma distância mais que impossível, estavam,
como astros espalhados, grandes manchas de luz — cidades,
sem dúvida, da Terra.*

MARIA *(ao lado do Diabo, ambos sobre uma grande ponte, enquanto podem reconhecer-se, em projecção, algumas das paisagens, umas desabitadas e outras urbanas, que Fausto, no filme de Murnau, teve ocasião de sobrevoar na companhia de Mefistófeles)*

Que coisa tão pavorosa e tão bonita!
O que é aquilo tudo ali em baixo?

DIABO *(apontando uma a uma, com lentidão)*

Aquilo é o mundo.
São as grandes cidades do mundo:

Aquela é Londres, aquela é Berlim,
e aquela ali é Paris.
São manchas de luz na treva,
e nós, nesta ponte, passamos alto sobre elas,
peregrinos do mistério e do conhecimento.

Foi daqui que, por incumbência de Deus,
tentei seu Filho, Jesus.

MARIA Não percebo bem. Foi daqui, realmente,
que tentou a Cristo?

DIABO Foi. Está claro que no abismo
também há geologias.
Onde agora está um vale imenso
estava então uma montanha.
O Filho do Homem repudiou-me
desde além de Deus.
Segui, porque era o meu dever,
o conselho e a ordem de Deus:
tentei-o com tudo quanto havia.
Se houvesse seguido o meu conselho próprio,
tê-lo-ia tentado com o que não pode haver.

MARIA Mas como é que se pode
sustentar uma coisa por a negar?

DIABO É a lei da vida. A alma vive
porque é perpetuamente tentada,
ainda que resista.

Tudo vive por que se opõe
a qualquer coisa.
Eu sou aquilo a que tudo se opõe.
Talvez não saiba
porque é que a trouxe aqui
nesta viagem sem termo real
nem propósito útil.
Corrompo, é certo,
porque faço imaginar.
O corpo vive porque se desintegra.
Os sonhos, ao menos, não apodrecem.
Apenas passam.
Quantas vezes tem sonhado comigo?

(Maria e o Diabo, que foram, entretanto, descendo lentamente da ponte, passeiam, na noite, pela alameda. Ouve-se água correr)

MARIA *responde sorrindo, fitando o Diabo com olhos muito abertos*

Que eu saiba, nunca.

(Ao fundo, em filme, está Maria, sonolenta, estendida ao ar livre, numa grande paisagem de arvoredos. Fim de tarde. Invisível a Maria, mas próxima do lugar onde ela se encontra, uma serpente, imóvel, fita-a longamente. Antes de desaparecer, súbita, há-de tocá-la, leve, após o que Maria, num grande cansaço, cai adormecida.)

DIABO Nunca pensou no Homem Perfeito,
no amante interminável?
Quando, nas grandes tardes quentes
sonhava tanto que sonhava de sonhar,

não viu passar, no fundo dos seus sonhos,
uma figura velada e rápida,
que lhe daria toda a felicidade?
Nunca sentiu ao pé de si, em sonho,
o que acariciasse como ninguém acaricia,
o que fosse seu como se a incluísse nele,
o que fosse, ao mesmo tempo,
o pai, o marido, o filho,
numa tripla sensação que é só uma?

MARIA Embora não compreenda bem, sim,
creio que pensei assim e que senti assim.

DIABO Era eu, sempre eu, que sou a Serpente
desde o princípio do mundo,
eu que sou a Serpente que é o mais subtil
dos bichos que há no campo.
(após um pequeno silêncio)
Sou aquele que sempre procurou
e nunca poderá achar.
Porque eu não sou parecido comigo mesmo.

MARIA *(em confusão e com timidez)*
Custa um pouco a confessá-lo, sabe?

DIABO O mais alto amor é um grande sono
como aquele em que nos amamos de dormir.
Foi a Serpente que, pela interposição da crítica,
tornou realmente dois a díade primitiva.


Não reconheceram, em verdade, que eram unos;
reconheceram que eram dois.

MARIA Realmente não percebo nada.

DIABO Não percebe: ouça. Outros perceberão.

MARIA *(carinhosa e protectora)*
E como se sente?

DIABO Cansado, principalmente cansado.
Cansado de astros e de leis,
e um pouco com vontade de fugir
para fora do universo.
Aqui não há vácuo nem sem-razão.
Sou o negativo absoluto, a encarnação do nada.
O que se deseja e se não pode obter,
o que se sonha, porque não pode existir.

MARIA *(repetindo escolarmente)*
 Mas afinal não faz o sonho
pertencer ao mundo?

DIABO *(algo agastado)*
O que poderia ter sido,
o que deveria ter havido,
o que a Lei ou a Sorte não deram,
atirei-o às mãos-cheias

para a alma do homem
e ela perturbou-se de sentir
a vida viva do que não existe.
Os tristes e os cansados da vida,
erguem para mim os olhos,
porque eu também, e a meu modo,
sou a Estrela Brilhante da Manhã.
Era-o antes que João falasse,
porque há Patmos antes de Patmos
e mistérios anteriores a todos os mistérios.

MARIA *rindo*

Ora, sempre há-de haver
uma religião verdadeira.

DIABO A humanidade é pagã.
Também as religiões são símbolos.

MARIA *rindo mais*

Então todas as religiões são falsas?

DIABO Todas as religiões são verdadeiras.
São símbolos diferentes da mesma realidade.
Não pisme de que eu assim fale.
Sou naturalmente poeta,
porque sou a verdade falando por engano.
Vivemos neste mundo de símbolos,
ao mesmo tempo claro e obscuro,

e cada símbolo é uma verdade
substituída à Verdade.

MARIA Mas o senhor vira tudo do avesso...

DIABO É o meu dever. Corrompo, mas ilumino.
A primeira luz não é mais que treva visível.
O princípio da ciência é sabermos que ignoramos.
Assim o animal se torna homem
pela ignorância que nele nasce.

Não sou o espírito que nega,
mas o espírito que contraria.

MARIA Como é que se pode sustentar uma coisa
por a *contrariar*?

DIABO Contrariar ideias é fazer
com que se caia no sonho *condno reiki...*
e portanto se pertença ao mundo.
Sou o Deus da Imaginação,
perdido porque não crio.
Sou o mestre lunar de todos os sonhos,
o músico solene de todos os silêncios.
As aspirações vagas, os desejos fúteis,
os aborrecimentos do que não aborrece
tudo isso é obra minha.
Sou o eterno Diferente, o eterno Adiado,
o Supérfluo do Abismo.
Trago comigo memórias de coisas
que não chegaram a ser.
A verdade, porém, é que não existo. *Contrariar*